



lista de há quase um século, nos manifestos de André Breton. A possibilidade de contar um sonho seria uma janela aberta para um lugar novo, um mundo mais livre do que nunca. Mas não há muito da estética, e ética, do surrealismo em *Tudo É e Não É*. Nestes labirintos inextrincáveis, nestes sonhos dentro de sonhos, mais depressa nos lembramos de Borges ou Kafka (que é, aliás, diretamente citado). Manuel Alegre (ou António Valadares) tentou o método mais direto para caçar um sonho com palavras: «Cheguei a pensar que podia escrever a dormir. Peguei no caderno e na caneta. Adormeci assim. E assim acordei. Só havia uma palavra: NEC.» Missão falhada.

Os rostos invisíveis

Podemos identificar-nos com alguns sonhos do escritor. Por alguma razão, parece ser recorrente na vida de muita gente o pesadelo em que nos vemos de pantufas num momento importante do quotidiano. Aconteceu com António Valadares (ou Manuel Alegre?): «Uma noite, tendo ido, em pleno sonho, a uma reunião urgente em Paris, passei com [François] Mitterrand nas margens do Sena, não longe de sua casa, ele, de sobretudo, cachecol e aquele seu característico chapéu de abas largas, eu, de impermeável, tendo por baixo um pijama. Pior ainda, de chinelos. (...) Acordei assarapantado. E com tanta vergonha que estive quase para telefonar-lhe a pedir desculpa.» Há também muitas perseguições, em que somos envolvidos numa trama que não conhecemos, culpados de um crime que ignoramos. Mas o sonho recorrente, que percorre o livro, declinado de várias formas, mostra-nos o protagonista num quarto de hotel, «um armário desarrumado, uma mala por fazer», e um telefonema da receção: já estão todos lá, o autocarro está quase a partir, aliás, já partiu...

A realidade não fica de fora destas páginas, ou não fosse o seu autor um político preocupado com os tempos que correm. Os inimigos sem rosto dos sonhos são comparados aos «mercados, as agências de rating, os fundos de investimento, os especuladores e os poderes ilegítimos que se sobrepõem à democracia.» Quem sonha encontra-se – como num jogo de espelhos, sem regras – nas personagens do sonho sonhado. E Manuel Alegre parece dialogar consigo próprio (ou com o seu passado) quando se encontra com Felipe, revolucionário guerrilheiro venezuelano assassinado que ganha vida, repetidamente, neste livro de sonhos. ■ Pedro Dias de Almeida



TUDO É E NÃO É
De Manuel Alegre
D. Quixote
195 págs., €14,90

Narrar *o inenarrável*

O SONHO NÃO TEM VERBO. Assim que os tentamos transformar em palavras, os sonhos perdem-se, esfumam-se, viajam irremediavelmente para uma terra só de sonhos. Sem palavras.

Mesmo assim, Manuel Alegre foi à luta. O personagem que protagoniza o seu novo romance chama-se António Valadares, «autor aflito», e parece-nos legítimo confundi-lo com quem lhe deu vida. Podia chamar-se Manuel Alegre, e todas as referências fariam sentido: escritor com preocupações políticas, com um passado feito de exílios, viagens, utopias; habitante de Lisboa mas com várias cidades na memória e um rio na infância.

Na literatura (nas artes em geral) a valorização dos sonhos faz pensar na revolução surrea-

‘Cheguei a pensar que podia escrever a dormir’